

Impactos do abuso na infância: Uma perspectiva psicocorporal

Impacts of childhood abuse: A psychocorporal perspective

Mariana Lopes Mendes

Geny de Oliveira Cobra

RESUMO: O artigo tem como objetivo destacar o quanto o trauma do abuso é experienciado e vivido pelo corpo infantil. Com base nos estudos bibliográficos da teoria Wilhelm Reich e da Psicoterapia Corporal Reichiana, enfatiza-se que o trauma contribui para a formação do caráter do indivíduo. Durante o desenvolvimento infantil, ocorre a formação do caráter e construção da couraça, que vem como forma de defesa contra a ansiedade criada pelos intensos sentimentos daquela criança e, conseqüentemente, algum medo vivenciado pelo trauma do abuso. O estudo também estima contribuir com maior definição a forma que o corpo infantil se desenvolve após o trauma do abuso e como suas defesas e caráter são criados. É importante salientar que o corpo e mente funcionam juntos, não existe divisão. É uma unidade funcional que acompanha o crescimento físico-mental. O trauma do abuso não apenas molda o caráter de uma pessoa, mas também cria padrões defensivos que afetam a forma como ela percebe e interage com o mundo. Dessa forma, seria necessária uma flexibilização das defesas existentes no psicofísico para que, futuramente, não desenvolva patologias funcionais e dificuldades relacionais.

Palavras-chave: Abuso. Caráter. Desenvolvimento Infantil. Encouraçamento. Trauma.

ABSTRACT/RESUMEN/ RÉSUMÉ: The article aims to highlight the extent to which the trauma of abuse is experienced and lived by the child's body. Based on bibliographical studies of the Wilhelm Reich theory and Reichian Body Psychotherapy, it is emphasized that trauma contributes to the formation of the individual's character. During child development, character is formed and armor is built, which comes as a form of defense against the anxiety created by the child's intense feelings and, consequently, any fear experienced as a result of the trauma of the abuse. The study also aims to contribute with greater definition to the way the child's body develops after the trauma of abuse and how its defenses and character are created. It is important to note that the body and mind work together, there is no division. It is a functional unit that accompanies physical and mental growth. The trauma of abuse not only shapes a person's character, but also creates defensive patterns that affect the way they perceive and interact with the world. In this way, it would be necessary to make the existing defenses in the psycho-physical more flexible, so that in the future they don't develop functional pathologies and relational difficulties.

Keywords: Abuse. Character. Childhood Development. Armoring . Trauma.

1. INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil é amplamente reconhecido como um problema de saúde pública de grandes proporções. Ele causa impactos profundos que se estendem além da esfera emocional já que afeta, significativamente, o corpo e as funções psíquicas das vítimas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1999), as consequências deste tipo de abuso são severas já que influenciam não apenas a saúde mental, mas também o desenvolvimento físico e social da vítima, que, neste caso, é a criança. Os dados sobre violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil são alarmantes, conforme revelados pelo Disque 100 (Disque Direitos Humanos)¹. De janeiro a abril de 2023, foram registradas mais de 17 mil violações sexuais, representando um aumento de 68% em relação ao mesmo período de 2022, que contabilizou 10,4 mil violações. A mesma pesquisa aponta que, no total, os quatro primeiros meses de 2023 acumularam 69,3 mil denúncias de violações de direitos humanos. Dentre elas, 17,5 mil estavam relacionadas a abusos sexuais físicos, como estupro e exploração, e a violências psíquicas. No ano anterior, foram registradas 11 mil denúncias de abusos sexuais. Já 2021 apresentou 5,4 mil denúncias nos primeiros quatro meses, somando 30 mil violações sexuais ao longo de todo o ano. Esses números evidenciam a urgência de convocar a Psicologia a olhar de forma mais atenta para essa população vulnerável.

Neste contexto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, estabelece diretrizes fundamentais para a garantia dos direitos das crianças e adolescentes. O ECA assegura que essa população seja tratada com prioridade absoluta, dignidade e proteção integral. O documento reforça o compromisso do Estado e da sociedade em prevenir e combater todas as formas de violência, incluindo o abuso sexual. Juntos, esses instrumentos legais buscam promover um sistema de proteção que acolha as vítimas, garanta a responsabilização dos agressores e contribua para a construção de uma sociedade mais segura e justa para crianças e adolescentes.

Complementando essa proteção, a Lei Nº 13.431, de 4 de abril de 2017, surge como um marco significativo na proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. A legislação estabelece procedimentos especializados para garantir que o depoimento da criança seja realizado de maneira segura e acolhedora para minimizar o sofrimento adicional, além do

¹**BRASIL.** Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em: 23 nov. 2024.

risco de revitimização. A lei também assegura que o atendimento seja humanizado, que respeite a vulnerabilidade das vítimas e promova um ambiente que favoreça a segurança e o acolhimento emocional durante as fases de escuta e de atendimento.

A escolha pelo estudo das manifestações psicofísicas do trauma infantil e aplicação das teorias de Wilhelm Reich e dos seguidores dele, como Federico Navarro e Alexander Lowen, é fundamentada na observação de que indivíduos, ao vivenciarem abusos durante a infância, apresentam marcas físicas e psicossomáticas que persistem ao longo da vida. Essa perspectiva nos leva a enfatizar a importância de entender como o trauma se enraíza no corpo-mente e como ele pode ser abordado de forma terapêutica. Pioneiro na psicoterapia corporal, Reich (1933), Navarro (1995) e Lowen (1980) entendem que os traumas são registrados no corpo na forma de tensões crônicas e couraças. Além de limitar a expressão emocional e afetar o desenvolvimento psíquico-emocional infantil, os traumas resultam em sistemas de defesa como a formação do caráter. O caráter moral, segundo Wilhelm Reich (1933), está relacionado à internalização de normas sociais e ao comportamento ético regulado pelo superego, sendo marcado pela repressão e conformidade. Além de envolver a interação entre o indivíduo e o ambiente, o caráter engloba a maneira como se lida com as emoções, impulsos, experiências, além da expressão ou repressão dessas emoções, que podem se manifestar no corpo por tensões musculares. Para Reich (1933), o caráter moral é uma faceta do caráter global, que é uma rede complexa de defesas psíquicas, emocionais e corporais formadas por experiências e traumas ao longo da vida.

Este trabalho busca investigar como o trauma do abuso sexual infantil se manifesta no corpo-mente e como influencia o desenvolvimento infantil segundo a teoria de Wilhelm Reich e seus seguidores Federico Navarro (1995) e Alexander Lowen (1980). A pesquisa se propõe a entender como o corpo registra e manifesta o trauma, a amplitude dos danos causados pelo abuso, além de explorar intervenções terapêuticas eficazes. Além disso, pretende-se analisar de que forma essas experiências contribuem para a formação do caráter e para o desenvolvimento das couraças, discutindo também as implicações terapêuticas da psicoterapia corporal reichiana no tratamento de traumas infantis. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica narrativa (Tipos [...], 2024) por possibilitar uma análise ampla e crítica das contribuições teóricas e das aplicações clínicas, sem a limitação imposta por protocolos rígidos de seleção de textos.

O trabalho está estruturado de modo a apresentar, primeiramente, os conceitos fundamentais das teorias de Reich e seus seguidores, oferecendo uma visão detalhada das bases da psicoterapia corporal. Na sequência, é explorada a relação entre o trauma do abuso e a formação das couraças, além da influência do trauma na organização psicofísica de uma criança e seus impactos psicocorporais. Por fim, são discutidas as implicações terapêuticas dessas teorias, com ênfase na importância de uma abordagem que integre corpo-mente e emoção no processo de cura.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica narrativa (Tipos [...], 2024). Tal escolha nos permite explorar e integrar o conhecimento existente sobre o tema de forma ampla e reflexiva. Ao optar por essa metodologia, não foram seguidos critérios rígidos de seleção de materiais, o que oferece maior flexibilidade para reunir obras que abordam de maneira significativa o impacto do abuso sexual infantil sobre o corpo-mente.

Segundo o documento organizado pela Universidade Estadual Paulista (2024), a revisão bibliográfica narrativa permite ao pesquisador sintetizar e organizar informações de modo interpretativo, possibilitando o estabelecimento de um diálogo entre diferentes autores e fontes sem a necessidade de aplicar filtros rigorosos. A escolha por essa metodologia foi feita para garantir uma análise crítica e integrativa das principais teorias reichianas e navarrianas sobre o trauma do abuso, bem como dos dados empíricos mais recentes que complementam essas teorias. O artigo aborda a diferenciação entre caráter moral e caráter enquanto estrutura da personalidade, e destaca as influências psíquicas e corporais na formação do indivíduo. De um lado, o caráter moral refere-se aos valores, normas e princípios éticos que orientam o comportamento do sujeito na sociedade, sendo moldado por fatores culturais, familiares e sociais. Por outro lado, o caráter como estrutura da personalidade, conforme abordado por teóricos como Wilhelm Reich (1933) e Federico Navarro (1995), está intrinsecamente ligado às experiências emocionais vividas na infância e às tensões corporais acumuladas no corpo em resposta aos traumas e repressões.

Este estudo foi conduzido por meio da seleção de livros e artigos científicos reconhecidos como essenciais para a discussão sobre o trauma infantil e as consequências no desenvolvimento da criança. Foram utilizadas como principais referências as obras *Análise do Caráter* (1933), de Wilhelm Reich, *Somatopsicodinâmica* (1995) e *Metodologia da*

Vegetoterapia Carácter-Analítica (1996), de Federico Navarro. O trabalho também se debruça sobre artigos científicos que abordam o impacto do abuso sexual na infância. A escolha das fontes foi realizada de forma subjetiva, com base na relevância dos textos para a temática central do trabalho. A proposta do projeto é criar uma ponte entre as teorias clássicas e os estudos contemporâneos, além de fazer uma análise mais ampla e profunda sobre o fenômeno do trauma infantil. O artigo faz uma análise integrada que considera como o corpo e a mente interagem no desenvolvimento do caráter, afetando tanto a moralidade quanto as características psicológicas e comportamentais da personalidade.

3. A FORMAÇÃO DO CARÁTER INFANTIL SOB O TRAUMA DO ABUSO

Wilhelm Reich (1897-1957) começou a carreira dele como psicanalista. A partir dos estudos de Sigmund Freud (1856 - 1939), ele se interessou pela questão sexual humana ainda como estudante de Medicina. No estudo de sexologia, Reich observa que a saúde mental estava intimamente ligada à potência sexual. A partir de observações clínicas e científicas, o psiquiatra cria uma teoria inspirada na filosofia de Henri Bergson. Dessa forma, introduz a ideia da energia vital que ele considera essencial para a saúde e o bem-estar do ser humano. Ao observar os pacientes, Reich (1933), cria o conceito bioenergia, fundamental para o desenvolvimento humano e a expressão das emoções. Com a imersão nos estudos sobre o conceito de energia, Reich inicialmente nomeia a técnica terapêutica de vegetoterapia, que refere-se a funcionalidade do sistema vegetativo na expressão dos sentimentos e sensações. Ele entende que a respiração e outras técnicas corporais ativam os centros vegetativos e podem regular o sistema nervoso central. Como consequência, a energia represada nas couraças musculares é liberada. Tais considerações representaram a ruptura da análise somente verbal, encaminhando o trabalho terapêutico para um trabalho direto com o corpo. Para Reich, a saúde emocional e física são interdependentes e doenças psicossomáticas resultam de bloqueios da bioenergia no corpo. Em sua busca por compreender e trabalhar com a bioenergia, Reich chega ao conceito de orgone, uma forma de energia que está presente em todo o universo e que influencia tanto a vida orgânica quanto o ambiente. Com o propósito de atuar diretamente em doenças como o câncer, Reich desenvolve dispositivos chamados acumuladores de orgone que tem o objetivo de restaurar o equilíbrio e a vitalidade nos indivíduos.

Baseada na concepção energética reichiana, consideramos que o trauma e, especialmente, o abuso sexual infantil pode criar bloqueios segmentares de couraça no corpo da criança. Para isso, é necessário evidenciar alguns conceitos fundamentais da teoria reichiana.

3.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

São abordados os três conceitos básicos da teoria: energia vital, couraça caracterial e formação do caráter.

A Psicoterapia Corporal Reichiana baseia-se na noção de energia vital, que Reich (1933) descreve como a força motriz por trás de cada respiração, movimento e pensamento. Ele explica que tal energia governa todo o organismo e está presente nas emoções e nos movimentos biofísicos dos órgãos, além de enfatizar a função primordial como energia biológica cósmica que se expressa em cada aspecto da vida, desde as funções fisiológicas até as emoções. Quando a energia flui livremente, sustenta a saúde física e mental, proporcionando vitalidade, alegria e bem-estar. No entanto, confrontos emocionais não resolvidos, como traumas e estresses cotidianos, podem bloquear o fluxo energético, e levar a desequilíbrios e doenças. Reich foi pioneiro ao afirmar que batalhas emocionais não se alojam apenas na mente, mas também são armazenadas no corpo na forma de couraças musculares.

A couraça caracterial, desenvolvida por Wilhelm Reich (1933), se refere à forma como as experiências emocionais e os traumas vividos na infância podem se manifestar na personalidade e no corpo de um indivíduo. A couraça caracterial é uma espécie de proteção psíquica que se forma em resposta a frustrações, repressões e conflitos emocionais a partir da infância. Os impactos traumáticos nesta fase, quando não resolvidos na relação com o ambiente, organizam determinadas formas de comportamento que transformam a personalidade da criança, principalmente quando relacionadas à sexualidade e à dinâmica familiar.

Reich (1933) acredita que a couraça caracterial pode se manifestar em tensões musculares crônicas e em padrões de comportamento que dificultam a expressão genuína de emoções. Também se manifestam tanto em níveis emocionais quanto corporais, resultando em tensões musculares, posturas rígidas e padrões de comportamento que limitam a expressão emocional e a vitalidade de uma criança. Ou seja, a couraça caracterial atua como uma barreira que impede o fluxo natural da energia vital (orgone) no psicofísico, dificultando o

acesso a emoções autênticas e à espontaneidade. Tais contraturas estão distribuídas em sete níveis corporais, dispostas em segmentos circulares ou anéis perpendiculares à coluna/espinha dorsal. Criando tensões musculares em torno dos olhos, da boca, do pescoço, do tórax, do diafragma, do abdômen e da pelve. E caracteriza-se por uma rigidez tanto física quanto emocional, limitando a capacidade da pessoa de se conectar com seus sentimentos e com os outros.

No contexto terapêutico, Reich buscou ajudar os indivíduos a reconhecer e a flexibilizar as couraças, promovendo um maior contato com as emoções e uma vida afetiva mais integrada e livre. Pode-se dizer que a flexibilização das couraças é um passo essencial para a saúde mental e emocional.

O conceito de formação do caráter em Wilhelm Reich (1933) refere-se ao desenvolvimento de padrões de comportamento na personalidade de um indivíduo, influenciados por experiências emocionais e sociais. O psicanalista entende que o caráter se forma a partir de interações entre as necessidades instintivas do indivíduo e as condições sociais e familiares em que ele cresce.

Reich identifica diferentes tipos de caráter, que refletem defesas de adaptação a conflitos emocionais, principalmente relacionados à sexualidade. Ele postula que a formação do caráter é uma defesa contra a ansiedade e a dor emocional, resultando em padrões comportamentais que podem limitar a liberdade e a saúde psíquica-somática.

3.2 TRAUMA E ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

Para Wilhelm Reich (1933), o trauma é uma experiência que afeta tanto a mente quanto o corpo. Ele resulta em bloqueios na energia vital, que precisam ser abordados e liberados para alcançar a cura. Quando causado na infância, o trauma reflete na vida afetiva, funcional e social, assim como no bem-estar e na autoimagem da pessoa. Dessa forma, é notório que ele provoca transtornos que afetam o desenvolvimento psicológico, biológico e neuropsicológico do indivíduo em questão, além de contribuir para a formação do caráter, especialmente em crianças, que estão em desenvolvimento.

Segundo Wilhelm Reich (1927), a repressão sexual está na raiz de problemas psicológicos e sociais. Como a sexualidade saudável é fundamental para o bem-estar emocional, a repressão pode provocar distúrbios e comportamentos disfuncionais. Para Reich (1927), repressões e traumas sexuais, especialmente na infância, geram bloqueios na energia

vital, afetando tanto o corpo quanto a mente. Essas repressões resultam em formação de couraças musculares e padrões comportamentais que dificultam a expressão genuína das emoções e da sexualidade, o que pode agravar os danos causados pelo abuso. Reich (1927) propõe que a cura passa pela liberação desses bloqueios e pelo restabelecimento de uma sexualidade livre e saudável, respeitando os limites naturais do indivíduo e proporcionando um equilíbrio emocional e físico. Neste contexto, a repressão, como uma força destrutiva, poderia levar à violência e ao abuso. Embora Reich não tenha tratado diretamente do tema do abuso sexual nas obras dele, a ênfase na importância da sexualidade livre sugere que o psicanalista conceba o abuso como uma violação grave da liberdade, além de ser um ato de controle e dominação que se opõe ao conceito de uma sexualidade saudável e consensual. O foco na liberação da energia sexual e emocional deve ser visto como um caminho para a cura e a reintegração da identidade sexual.

O Código Penal estabelece, no artigo 217-A², a idade do consentimento no Brasil. O Documento proíbe a prática de atos sexuais com menores de 14 anos, configurando o crime de estupro de vulnerável. Essa legislação foi incluída por meio da Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, que alterou o Código Penal para fortalecer a proteção de crianças e adolescentes contra crimes sexuais. De acordo com essa lei, o estupro de vulnerável é um crime hediondo, com pena de 8 a 15 anos de reclusão, buscando garantir a salvaguarda do desenvolvimento físico, psicológico e emocional de menores de 14 anos, reconhecendo sua condição de vulnerabilidade.

A Organização Mundial da Saúde (1999) destaca que o abuso sexual infantil pode resultar em graves consequências físicas e psicossociais, como baixa autoestima, dificuldades de relacionamento, sentimentos de vergonha e culpa, distúrbios somáticos, automutilação, transtornos alimentares, depressão, ansiedade e dependência de drogas ou álcool, e muitos outros. Ademais, o abuso sexual infantil é considerado um evento traumático e um fator de risco para o desenvolvimento, devido às severas sequelas emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas associadas a ocorrência (Cicchetti & Toth, 2005; Kendall - Tackett, Williams, & Finkelhor, 1993; Paolucci, Genius, & Violato, 2001). Conforme a World Health Organization (WHO, 2004). O abuso sexual infantil é definido como o envolvimento de uma criança ou adolescente em atividade sexual com um adulto.

² **BRASIL.** Decreto-Lei n.º 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei n.º 8.072, de 25 de julho de 1990, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

“Pode variar desde atos em que não exista contato sexual (voyeurismo, exibicionismo), até diferentes atos com o contato sexual sem penetração (toques, carícias, masturbação) ou com penetração (vaginal, anal e oral). Estas práticas eróticas e sexuais são impostas à criança ou ao adolescente pela força física, ameaças ou indução de sua vontade” (Araújo, 2002; De Antoni & Koller, 2000; Habigzang, Koller, Azevedo & Machado, 2005).

De modo geral, podemos evidenciar que: (a) o abuso sexual infantil é um sério problema de saúde pública porque; (b) ocorre predominantemente no ambiente familiar, caracterizando situações de incesto; (c) meninas são as principais vítimas desse tipo de violência; e (d) trata-se de um segredo familiar que, em muitos casos, se perpetua por anos devido à dificuldade da criança e da família em romper o ciclo de violência. Segundo Almeida-Prado e Feres Carneiro (2005), a relação de uma criança com adultos abusivos e não protetores pode prejudicar o desenvolvimento da autonomia do ego, além de gerar perda de confiança nas pessoas, afetando suas relações futuras.

3.3 DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O CORPO

O conceito de corpo é central na teoria e prática terapêutica reichiana. O corpo é visto não apenas como uma entidade física, mas como um componente essencial na experiência emocional e psíquica. Para Reich (1933), existe uma funcionalidade que integra o desenvolvimento físico com o emocional. Na unidade corpo-mente, ele reconhece que as tensões e bloqueios no corpo podem ser indicativos de certos estados emocionais e conflitos internos. Dessa forma, promover um desenvolvimento saudável de uma criança envolve promover tanto o bem-estar físico, quanto o emocional desde os primeiros anos de vida. Em *Análise do Caráter*, Reich (1933) discute que o desenvolvimento infantil requer coordenação progressiva dos movimentos do corpo e das percepções sensoriais até que o organismo funcione como um todo coordenado. Desta forma, as tensões musculares e os bloqueios no corpo podem ser indicativos de conflitos emocionais. No entanto, quando o desenvolvimento é saudável, esses bloqueios têm uma função temporária necessária, considerando o desenvolvimento pleno e saudável.

Federico Navarro (1993) evidencia como o desenvolvimento infantil é influenciado pela relação corpo e emoções. Ele considera que os traumas podem impactar a formação de coraças e gerar bloqueios emocionais e físicos desde os primeiros anos de vida da criança.

Isso porque as tensões emocionais que surgem durante o crescimento da criança, quando são constantes, somatizam no corpo contribuindo para a formação das couraças musculares. Essas tensões podem gerar padrões de comportamento ou formas caracteriais que limitam a estrutura emocional e física da criança. Segundo Navarro (1996), as experiências estressantes vividas na infância podem deixar marcas duradouras no corpo, manifestando-se como tensões crônicas. Essas tensões, por sua vez, têm o efeito de limitar as respostas emocionais e comportamentais do indivíduo, condicionando a maneira típica ou caráters com que ele reage às situações ao longo da vida.

Dessa forma, quando é vivenciado um trauma na infância, como o abuso sexual, é gerado a formação de padrões de comportamento e respostas emocionais que se manifestam como estresse, ansiedade e dificuldades nas relações interpessoais. A "forma típica de responder", mencionada por Navarro (1995), refere-se a esses padrões habituais, que podem ser prejudiciais e levar a dificuldades em lidar com novas experiências, mesmo quando não apresentam ameaça. Como consequências, tanto imediatas como tardias do abuso sofrido, surge a culpa, ansiedade, depressão, vergonha e baixa autoestima, além da ideia de que o abuso foi merecido. A longo prazo, podem surgir quadros de anorexia, bulimia, personalidade anti-social, problemas de conduta, perturbações do sono, pesadelos, terrores noturnos até quadros de transtorno do estresse pós-traumático (TEPT).

Em suma, o trauma infantil é capaz também de gerar bloqueios que se manifestam no corpo, influenciando o desenvolvimento das funções emocionais e físicas e psíquicas da criança. Esses bloqueios afetam diretamente o crescimento e o bem-estar dela, tanto em termos emocionais quanto físicos. Além disso, a forma como a criança processa as emoções pode ser prejudicada, provocando dificuldades na regulação emocional e no relacionamento com os outros. Surgem, então, dificuldades em estabelecer limites nas relações interpessoais e em controlar os afetos. Em casos mais graves, o abuso pode impregnar toda a vida do sujeito, atuando quase como um organizador e usurpador do lugar principal entre diversos acontecimentos da vida.

Assim, fica claro que as experiências emocionais adversas vividas na infância são refletidas no corpo por meio dessas tensões e couraças, impactando profundamente o desenvolvimento integral do indivíduo. Essas marcas podem se manifestar na vida adulta, perpetuando um ciclo de dor e dificuldade que impede a plena realização do potencial humano.

4. CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOMÁTICAS

A compreensão das consequências do abuso sexual infantil é essencial para abordar as marcas deixadas em uma criança, cuja mente e corpo absorvem o trauma de maneiras profundas e complexas. Como o abuso sexual infantil costuma acontecer em contextos de confiança e proximidade, é possível entender que a violação psicológica é intensificada. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1999), é urgente considerar o abuso sexual infantil como uma questão de saúde pública devido ao impacto abrangente, não apenas na saúde mental, mas também no desenvolvimento físico e social da vítima. A investigação das consequências desse tipo de violência contribui para a psicologia e para a saúde pública, dado que compreender os danos causados pelo abuso permite intervenções mais assertivas.

No plano psicossomático, o trauma do abuso sexual é vivenciado e expresso pelo corpo. Wilhelm Reich (1933) aponta que o trauma impacta profundamente a unidade funcional do corpo e mente, sendo registrado no corpo sob a forma de couraças musculares – tensões crônicas que o organismo adota como resposta defensiva contra experiências dolorosas e repressões emocionais.

Por causa da imaturidade psíquica, a criança encontra dificuldades em elaborar simbolicamente o trauma, o que leva à somatização dele. O corpo se torna o meio de expressão para a dor e o sofrimento internalizados. Esse processo, conhecido como resposta psicossomática, apresenta-se por meio de sintomas físicos recorrentes, como dores de cabeça, problemas gastrointestinais e tensões musculares, expressando a incapacidade da criança em processar e expressar adequadamente a experiência traumática. Segundo Tanizaka et al. (2022), o corpo da criança que sofre abuso sexual não apenas carrega marcas físicas e psicológicas, mas também registra e reflete o trauma de forma inconsciente. O corpo, assim, torna-se um espelho daquilo que não pode ser simbolizado pela mente, gerando respostas físicas (couraças) que expressam a dor reprimida.

Federico Navarro corrobora a compreensão reichiana ao observar que essas tensões não são exclusivamente musculares, mas envolvem também reações neurovegetativas que impactam os sistemas orgânicos e nervosos, "especialmente em casos de traumas precoces, onde a criança se vê sem capacidade de expressão ou defesa" (Navarro, 1995, p. 19). Essas reações fisiológicas reforçam o entendimento de que o corpo da criança expressa as marcas de um trauma cuja dimensão e intensidade ela não consegue simbolizar, deixando o trauma enraizado no organismo. As manifestações psicossomáticas ou o adoecimento, em termos de

somatização e repressão muscular, são formas primitivas e inconscientes de defesa contra a dor emocional e o abuso.

Do ponto de vista emocional e comportamental, o abuso sexual infantil gera uma série de sintomas que incluem medo, vergonha, culpa, profunda tristeza e agitação e ansiedade. Essas reações da criança afetam profundamente a saúde mental e o desenvolvimento emocional, formando um quadro de instabilidade psíquica que pode se prolongar ao longo da vida. Como destacado por Borges e Dell'Aglío (2008), a exposição ao abuso aumenta o risco de transtornos psicopatológicos, como o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), dissociação, depressão e comportamentos autodestrutivos, incluindo a automutilação. Alexander Lowen (1975), na mesma linha, explica que o bloqueio das emoções gera não apenas reações emocionais reprimidas, mas padrões de comportamento disfuncionais que impactam diretamente o desenvolvimento de relacionamentos e a percepção de segurança no ambiente. Esses transtornos afetam a maneira como a criança lida com as emoções, dificultando a construção de uma identidade. O comportamento da criança abusada pode ainda apresentar traços sexualizados, problemas de socialização, dificuldades de aprendizagem e uma desconfiança generalizada em relação ao mundo, como destacado por Fuks (2006). Esses comportamentos e sintomas refletem a tentativa da criança de lidar com uma realidade insuportável, na qual os mecanismos de defesa tentam amenizar o sofrimento, mas, ao mesmo tempo, criam barreiras emocionais que dificultam a adaptação dela ao ambiente social.

As consequências do abuso sexual infantil no desenvolvimento psíquico da criança são igualmente devastadoras. O excesso de excitação e angústia que o abuso gera afeta diretamente o desenvolvimento do pensamento, uma vez que a mente infantil não consegue integrar experiências tão intensas. Segundo Pacheco e Malgarim (2012), essa incapacidade de elaborar o trauma bloqueia a criança no processo de desenvolvimento, prejudica as relações interpessoais e a formação de vínculos seguros. Ao experimentar uma ameaça tão avassaladora, a criança constrói uma visão de mundo marcada pela insegurança e pelo medo. Esse trauma afeta a estruturação do aparelho psíquico, o que dificulta a capacidade de subjetivação, ou seja, de se perceber como um ser autônomo e seguro. Em muitos casos, a criança traumatizada permanece com a vivência de medo e vulnerabilidade, desenvolvendo padrões de defesa que podem ser passados adiante, perpetuando o trauma em futuras gerações, como observado por Fuks (2006).

A necessidade de intervenção precoce é central quando se trata de lidar com as consequências do abuso sexual infantil. A compreensão das respostas psicossomáticas e emocionais ao trauma sugere que o tratamento deve considerar o corpo e a mente como um todo integrado. A abordagem terapêutica que visa apoiar a elaboração simbólica do trauma e fortalecer o aparelho psíquico da criança é fundamental para reduzir as respostas psicossomáticas e promover a recuperação. Além disso, a terapia corporal pode desempenhar um papel importante no tratamento, ao ajudar a criança a reconectar-se de forma segura com seu corpo e com suas emoções reprimidas. O acompanhamento terapêutico oferece à criança um espaço de acolhimento, onde ela pode reorganizar suas experiências emocionais e, gradualmente, reconstruir sua confiança no mundo.

As marcas deixadas pelo abuso sexual infantil não se limitam ao período da infância, mas moldam a maneira como a vítima interage e percebe o mundo ao longo da vida. Dado o impacto abrangente do abuso, é crucial que o apoio psicológico seja oferecido de maneira holística, incluindo intervenções que permitam à criança ressignificar o trauma e desenvolver uma percepção mais saudável de si mesma e dos outros. Dessa forma, abordar o abuso sexual infantil e suas consequências exige um olhar profundo e integrador, onde corpo e mente são tratados como uma unidade funcional e inseparável, como Reich e Navarro enfatizam.

5. IMPACTOS PSICOCORPORAIS DO ABUSO NO CORPO INFANTIL

O desenvolvimento deste tópico se dá com três seções principais: (a) a influência do trauma na formação do caráter, (b) a relação entre o trauma do abuso e a formação da couraça e (c) as implicações terapêuticas segundo a psicoterapia corporal reichiana.

5.1 RELAÇÃO ENTRE O TRAUMA DO ABUSO E A FORMAÇÃO DA COURAÇA

O trauma do abuso sexual infantil impacta profundamente o corpo e a psique da criança. Ele se manifesta por meio da formação das couraças, um conceito central na teoria de Wilhelm Reich (1933). A couraça é uma resposta de defesa que o corpo cria para se proteger de emoções e experiências dolorosas, como o medo, a vergonha e a culpa, que surgem após o abuso. No caso das crianças, essas emoções intensas frequentemente não encontram um canal adequado de expressão, seja pela imaturidade emocional ou pela própria impossibilidade de verbalização do trauma. Assim, as tensões não resolvidas acabam sendo "armazenadas" no corpo, criando bloqueios físicos conhecidos como couraças musculares.

Federico Navarro (1995) aprofunda o entendimento reichiano ao evidenciar que essas tensões corporais vão além da musculatura. Ele destaca as reações neurovegetativas que ocorrem em resposta ao trauma, como mudanças na respiração, alterações nos batimentos cardíacos e no funcionamento do sistema digestivo. O corpo, ao tentar lidar com o trauma, ativa mecanismos de defesa físicos que protegem a criança da dor emocional imediata. No entanto, essas reações de defesa criam um bloqueio energético, que interferem no fluxo natural da energia vital (orgone) pelo corpo. O resultado é uma retração emocional e física que se reflete em dificuldades de expressão e conexão com o próprio corpo.

No caso do abuso sexual, o corpo da criança se torna um registro vivo dessas experiências traumáticas. A formação das couraças musculares, por exemplo, pode se manifestar em posturas retraídas, rigidez corporal ou até mesmo dificuldades motoras, refletindo a tentativa do corpo de "fechar-se" para proteger-se da dor. Essas defesas físicas, embora tenham uma função de proteção, perpetuam o trauma ao limitar a capacidade da criança de se desenvolver de forma saudável.

“Nossas emoções são as respostas às impressões do ambiente; se este é agradável, sentimos prazer, se ameaçador ou desagradável, respondemos com ansiedade e desprazer, tendendo inclusive a cortar todo contato com o meio sob certas circunstâncias” (Baker, 1980. p. 92).

A frase de Elsworth F. Baker (1980), revela um entendimento essencial sobre como o corpo e a mente reagem ao ambiente e às experiências externas. Essa perspectiva é especialmente pertinente quando correlacionada com o abuso sexual infantil, em que o ambiente, que deveria ser seguro e protetor, se torna uma fonte de ameaça, dor e medo para a criança.

No caso de uma criança vítima de abuso sexual, o ambiente, especialmente se o abuso ocorrer no contexto familiar, é transformado em algo hostil e perigoso. As impressões que essa criança recebe do local são, portanto, intensamente negativas. Diante disso, a resposta emocional é marcada por ansiedade, medo e desprazer. O abuso sexual, sendo uma experiência profundamente traumática e emocionalmente avassaladora, provoca uma ativação constante do sistema de defesa da criança. Ao perceber o perigo de uma situação abusiva, o corpo e a mente da criança reagem instintivamente para proteger-se. Esse estado de ansiedade contínua reflete-se em tensões corporais e comportamentos de retraimento emocional,

caracterizando a tentativa da criança de cortar o contato com o meio como uma forma de defesa.

A ideia de "cortar contato com o meio" pode ser compreendida de várias maneiras no contexto do abuso sexual infantil. Em nível emocional, a criança pode dissociar-se das suas experiências, o que é uma estratégia de sobrevivência comum em situações de trauma intenso. A dissociação é uma forma de proteção psíquica, em que a mente se "desconecta" da experiência dolorosa, criando uma barreira emocional que impede que sinta plenamente a angústia e o medo. Esse corte no contato emocional também pode se manifestar fisicamente, por meio de couraças musculares, que Reich (1933) e Navarro (1995) descrevem como tensões crônicas que limitam a capacidade da criança de se expressar de forma genuína.

Além da dissociação emocional, a criança pode também ter comportamento de isolamento. O abuso, muitas vezes envolto em culpa e vergonha, faz com que a vítima evite interações com outras pessoas e, por vezes, até com figuras de autoridade que poderiam protegê-la. Ela pode temer o julgamento ou a descrença dos adultos ao redor e, assim, "cortar" o contato com eles, mantendo-se isolada em um estado de defesa emocional e psicológica. Esse afastamento, tanto do ambiente quanto das pessoas ao redor, reforça o ciclo de dor e retraimento, tornando o trauma ainda mais profundo.

Conforme a criança enfrenta um ambiente ameaçador repetidamente, o corpo e mente dela começam a responder automaticamente com ansiedade ou retraimento ao menor sinal de perigo. Ao invés de resolver o trauma, o corte agrava-o por impedir que a criança processe suas emoções e viva de forma plena. Na vida adulta, as terapias corporais, que trabalham para desbloquear as couraças, são fundamentais para ajudar a reconectar-se com o corpo e com as relações de forma segura, permitindo que a pessoa ressignifique as experiências traumáticas e restabeleça um equilíbrio emocional e físico.

Em suma, a resposta defensiva ao ambiente ameaçador, descrita por Baker (1980), reflete o ciclo vicioso do trauma: quanto mais ameaçador o ambiente, mais a criança corta o contato, retraindo-se emocionalmente e fisicamente. Isso causa perpetuação da dor e limita a capacidade do desenvolvimento emocional da pessoa até a vida adulta.

5.2 INFLUÊNCIA DO TRAUMA NA FORMAÇÃO DO CARÁTER

Além de afetar o corpo, o trauma do abuso sexual infantil exerce uma influência significativa na formação da personalidade da criança. Segundo Reich (1933), o caráter se

estrutura no ego e afeta a forma de ser do sujeito, a partir das interações entre suas necessidades instintivas e as exigências do ambiente familiar e social. No contexto do abuso sexual, o caráter que a criança desenvolve, torna-se uma defesa diante de um ambiente emocionalmente hostil ou ameaçador.

Reich (1933) e Navarro (1995) destacam que, diante de experiências traumáticas como o abuso, a criança cria defesas psíquicas que a ajudam a lidar com a dor emocional. Essas defesas, chamadas de couraças caracteriais, formam padrões comportamentais que moldam a personalidade e as relações da criança com o mundo. No entanto, essas defesas, que surgem como mecanismos de sobrevivência, podem se tornar limitantes com o passar do tempo, interferindo no desenvolvimento emocional e na capacidade de se relacionar de forma autêntica com os outros.

O abuso sexual, por exemplo, pode levar a criança a adotar comportamentos de retraimento emocional, desconfiança em relação às figuras de autoridade ou dificuldade em estabelecer vínculos afetivos saudáveis. O início da formação do caráter, nesses casos, é marcado por uma tentativa de proteger-se do mundo externo, criando barreiras emocionais que podem ser difíceis de derrubar na vida adulta. Navarro (1995) acrescenta que, quanto mais precoce e intenso for o trauma, mais enraizadas estarão essas defesas, e mais difícil será o processo de flexibilização dessas couraças ao longo da vida.

Embora o abuso sexual infantil esteja associado a diversas consequências para o desenvolvimento infantil, algumas vítimas demonstram uma notável capacidade de superação e um melhor ajuste psicológico. Algumas crianças e adolescentes conseguem se adaptar e se recuperar surpreendentemente, apesar das experiências traumáticas que enfrentaram. No entanto, há aqueles que têm dificuldades significativas de superar esses eventos, e podem adotar as estratégias para lidar com o trauma que não são as mais adequadas. Isso ocorre porque a carga emocional pode ter sido mais intensa do que o sujeito conseguiria suportar, resultando em bloqueios de sua energia retida em algum segmento do corpo.

5.3 IMPLICAÇÕES TERAPÊUTICAS SEGUNDO A PSICOTERAPIA CORPORAL REICHIANA

Na perspectiva da Psicoterapia Corporal Reichiana, o tratamento de traumas, especialmente do abuso sexual infantil, não pode se limitar apenas à abordagem verbal. Reich

(1933) foi pioneiro ao propor que o corpo guarda as memórias emocionais reprimidas na forma de couraças musculares.

A psicoterapia corporal parte da premissa de que é necessário flexibilizar as couraças físicas para que o indivíduo possa acessar as memórias emocionais relacionadas ao trauma. Esse desbloqueio é essencial, pois as vítimas de abuso sexual infantil, especialmente quando o trauma ocorre em uma fase pré-verbal, não conseguem lembrar conscientemente dos eventos traumáticos. Apesar disso, os corpos delas ainda carregam marcas dessas experiências. Trabalhando diretamente com o corpo, na fase adulta, o terapeuta busca restaurar o fluxo natural da energia vital (orgone), promovendo uma reorganização energética emocional.

No contexto do abuso sexual, esse trabalho corporal pode envolver a flexibilização das couraças nos segmentos do corpo, como olhos, boca, pescoço e pélvis – regiões frequentemente afetadas por tensões crônicas em vítimas de abuso. A respiração, os movimentos corporais e as posturas são abordados na terapia para ajudar o paciente a liberar as emoções reprimidas e, com isso, restabelecer o equilíbrio entre corpo e mente.

A abordagem reichiana entende que a cura vai além da flexibilização das couraças: ela envolve a reintegração das emoções que foram desconectadas do indivíduo devido ao trauma. Para vítimas de abuso sexual infantil, esse processo é fundamental, pois não apenas promove a recuperação de um estado físico mais saudável, mas a reconstrução de uma identidade emocional fragmentada pelo abuso. O trauma retém a energia do indivíduo na contratura muscular e limita seu funcionamento em um nível baixo. Com o apoio psicoterapêutico, é possível liberar esse fluxo de energia, possibilitando o desenvolvimento pleno do ser humano e do potencial dele.

Um dos principais focos da terapia é a reintegração das emoções que foram desconectadas devido ao trauma. Isso é crucial para vítimas que, muitas vezes, bloqueiam sentimentos dolorosos como mecanismo de defesa. A terapia busca facilitar esse processo, permitindo que elas reconheçam e expressem emoções. Outro aspecto importante é o desbloqueio energético. As técnicas corporais utilizadas na psicoterapia reichiana ajudam a liberar essas tensões, promovendo um maior bem-estar e vitalidade.

A consciência corporal é também um elemento central na terapia. Ao trabalhar essa dimensão, a abordagem auxilia a vítima a reconectar-se com seu corpo e sensações, algo que pode ter sido perdido em decorrência da dissociação provocada pelo trauma. Esse processo é

essencial para a reconstrução da identidade emocional, que muitas vezes é fragmentada pelo abuso.

Dessa forma, a terapia oferece um espaço seguro para a expressão e o processamento emocional, permitindo que a pessoa lide com o trauma de forma construtiva, em vez de reprimir sentimentos. Esse suporte é fundamental para o fortalecimento da autoestima e da construção de um senso de segurança. É um caminho para a recuperação integral e o desenvolvimento emocional saudável.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discorre sobre como o trauma do abuso sexual infantil se manifesta no corpo e influencia o desenvolvimento emocional e físico da criança, com base nas teorias de Wilhelm Reich e seus seguidores como Federico Navarro e Alexander Lowen. Por meio da revisão bibliográfica narrativa (Tipos [...], 2024), é possível explorar como essas experiências traumáticas geram bloqueios energéticos e tensões crônicas, conhecidos como couraças musculares, que afetam diretamente a formação do caráter e o bem-estar do indivíduo.

A análise dos conceitos reichianos revela que as couraças não são apenas respostas físicas, mas também psíquicas. Ao mesmo tempo que servem como mecanismos de defesa, essas experiências aprisionam as emoções reprimidas, limitando o desenvolvimento saudável da criança e criando padrões de comportamento que podem persistir ao longo da vida adulta. Assim, entender como o trauma se enraíza no corpo é essencial para a formulação de abordagens terapêuticas eficazes.

As implicações terapêuticas destacadas ao longo do trabalho apontam que a Psicoterapia Corporal Reichiana, ao integrar corpo-mente e emoção, oferece um caminho de alívio para as vítimas de abuso sexual infantil. A flexibilização das couraças musculares e a liberação das emoções reprimidas são passos fundamentais para que o indivíduo possa ressignificar as experiências e reconstruir um equilíbrio emocional e físico. Registro vivo do trauma, o corpo é tratado como um meio de reconexão com as memórias e emoções que precisam ser processadas.

Embora este trabalho tenha contribuído para a compreensão dos efeitos do trauma infantil segundo a perspectiva reichiana, é importante reconhecer as limitações inerentes a uma revisão bibliográfica narrativa (Tipos [...], 2024), que não permite uma análise empírica mais profunda dos conceitos discutidos. Estudos futuros poderiam aprofundar a aplicação

prática dessas teorias, investigando a efetividade da psicoterapia corporal em contextos clínicos específicos de abuso sexual infantil.

Em suma, na perspectiva da Psicoterapia Corporal, compreender como o corpo registra e manifesta o trauma é fundamental para o desenvolvimento de intervenções que não se limitem ao âmbito verbal, mas que considerem o corpo como parte integral do processo de cura. Ao integrar o conhecimento reichiano e navarriano com a realidade dos efeitos do abuso sexual, este trabalho oferece uma visão crítica e terapêutica que contribua para a promoção de um desenvolvimento infantil mais saudável e integrado, mesmo diante das marcas profundas deixadas pelo trauma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA-PRADO, Maria do Carmo Cintra de; FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Abuso sexual e traumatismo psíquico**. Interações, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 11-34, dez. 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000200002. Acesso em: 07 ago. 2024.

BAKER, Elsworth F. Labirinto humano. São Paulo: Summus, 1980.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. D. **Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 4, p. 1369-1380, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 12.015, de 7 de agosto de 2009**. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 13.431, de 4 de abril de 2017.** Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 abr. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13431.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

CRUZ, Moniky Araújo da et al. **Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa.** Ciência & Saúde Coletiva [online], v. 26, n. 4, p. 1369-1380. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>. Acesso em: 21 maio 2024.

FUKS, S. R. **Discutindo os possíveis impactos do abuso sexual intrafamiliar.** Revista da ABP, Psiquiatria Clínica e Psicologia Forense, v. 35, p. 45-58, 2006. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/229>. Acesso em: 15 out. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.** Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contras-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em: 20 out. 2024.

HABIGZANG, L. F.; CORTE, F. D.; HATZENBERGER, R.; STROEHER, F.; KOLLER, S. H. **Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 21, n. 2, p. 338-344, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200021>. Acesso em: [data de acesso].

LOWEN, Alexander. **Bioenergética.** São Paulo: Summus, 1977. (Publicado originalmente em 1975).

NAVARRO, F. A **Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica.** São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Caracterologia Pós Reichiana.** São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica: sistemática, semiótica, semiologia, semântica**. São Paulo: Summus, 1996.

PACHECO, L.; MALGARIM, B. G. **Consequências psicossomáticas do abuso sexual infantil: reflexões sobre o corpo e a psique**. Revista de Psicologia Clínica e Social, v. 16, n. 2, p. 25-36, 2012. Disponível em: <https://www.unaerp.br/documentos/4152-del-grito-no-dado-al-cuerpo-profanado-las-consecuencias-psicosomaticas-del-abuso-sexual-infantil/file>. Acesso em: 15 out. 2024.

PAIVA, Graziela; MORAIS, Letícia. **Abuso sexual infantil e as consequências no desenvolvimento e comportamento da criança**. Revista FT, 2022. Disponível em: <https://revistaft.com.br/abuso-sexual-infantil-e-as-consequencias-no-desenvolvimento-e-comportamento-da-crianca/>. Acesso em: 05 out. 2024.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Publicação original: 1927).

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Publicação original: 1933).

TANIZAKA, E. E. et al. **Abuso sexual infantil e suas repercussões psicossomáticas**. Revista de Terapia Psicossomática, v. 5, p. 89-103, 2022. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/4481>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP). **Tipos de revisão de literatura**. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 23